

## EDITORIAL

### **Ecos da crise ou crise permanente?**

por Jorge Nóvoa e Soleni Biscouto Fressato

Uma velha questão não cessa de se impor: afinal, é a arte que imita a vida? Muitas vezes, como na síntese de um roteiro que você pode ler a seguir.

Tentando escapar da fome, uma pós-adolescente ágil, corajosa e vivaz, com idade em torno de 16 ou 17 anos, rouba bananas num porto. Algumas, ela distribuiu entre crianças ali mesmo, outras ela levará para casa, onde duas irmãs menores e também famintas e o pai lhe esperam. Ela é órfã de mãe e seu pai está, há muito tempo, desempregado, apesar de procurar desesperadamente por trabalho. Ela tenta animá-lo, mas o pai está rodeado por uma aura de frustração e tristeza. Numa nova tentativa de conseguir emprego, ele sai às ruas e encontra vários trabalhadores também desempregados, também pais de família que vêem seus filhos passando fome e roubando, numa grande agitação. A polícia chega para acalmar os ânimos, mas a agitação aumenta, até que se inicia uma discussão e uma briga. Um tiro é disparado, os trabalhadores são dispersos e somente um deles jaz no chão, sem vida. Ele é o pai da adolescente. Agora as três meninas estão sós. Logo o Estado é acionado e encaminha à pobre casa onde morava, praticamente sem móveis, o Juizado de Menores. Elas serão encaminhadas a um abrigo de órfãos. Mas, a mais velha, novamente num rompante de coragem, foge. Ela viverá nas ruas, roubará comida, arrumará outro casebre para viver, ao qual chamará de lar. Até que, num momento de felicidade, dançando na rua em frente a um restaurante, será contratada pelo dono para animar seus clientes. Sua vida muda, ela já pode sonhar com um futuro melhor. Porém, essa felicidade não durará muito tempo. Logo o Juizado de Menores a localiza e novamente ela se vê obrigada a fugir, a viver nas ruas. Mas, nessa trajetória ela não está mais sozinha. O desempregado de uma fábrica, que quase enlouqueceu devido ao ritmo frenético das máquinas e que foi preso injustamente, confundido com um líder grevista por agitar uma bandeira vermelha, se unirá a ela. Juntos tiveram sonhos de fartura, com comida abundante. Juntos eles tentaram escapar da fome e procuraram enlouquecidamente por um trabalho, por dignidade. Mas, só encontraram uma estrada a trilhar, e o farão felizes, porque ainda conseguiram preservar suas liberdades.

Alguém consegue lembrar o título do filme? É ele mesmo. Quando Charles Chaplin fez *Tempos modernos* (*Modern times*, 1936), tinha atrás de si e na própria carne o conhecimento do que significava a miséria. Mas tinha também o seu mundo presente como espelho. A recessão dos anos 1920 se transformou em depressão em 1929. Ela não foi estancada por nenhum artifício ou por nenhuma manipulação que os estados capitalistas interpuseram. Aos governos liberais e de centro-direita, assim como aos governos de direita, e aqueles das frentes populares também, se impuseram aquelas de extrema direita ditatoriais e os nazi-fascistas que junto aos totalitários estalinistas compuseram um cenário de horror antes mesmo que eclodisse a II Grande Guerra.

Chaplin, de forma única, caricaturou esses tempos, riu, ironizou, debochou de seus protagonistas, denunciou-os. Assim fazendo, conseguiu imprimir uma marca indelével de originalidade às suas produções cinematográficas. Capturou e expressou os anseios, os medos, as angústias e os sonhos de toda uma geração assolada pela crise de 1929 e pelos anos que se seguiram. Apesar da ampla cobertura que os jornais e rádios deram à crise, nenhuma outra fonte conseguiu capturar como o cinema, a vivacidade “daquela” adolescente anônima que metaforizou as inúmeras da vida real em suas lutas por uma vida digna, ou os sonhos por um lar e pela abundância de alimentos, por “rios de leite”, ou ainda, a luta desesperada em busca de trabalho e emprego.

Os efeitos da crise de 1929, aprofundados nos anos 1930 e agravados após a II Guerra Mundial, transformaram os trabalhadores em mendigos e em “ladrões de bicicleta”. Mais uma vez o cinema imita a vida. A crise iniciada no ano de 2008, mas que já estava em gestação há pelo menos uma década, será diferente? Serão pequenos os seus efeitos? Ficará restrita à apenas um país? Os países em processo de “desenvolvimento” serão poupados?

Uma vez uma cientista social eminente disparou no debate de um congresso da categoria: “a era dos fascismos, ditaduras, das direitas e dos golpes de estado já havia passado na América Latina”. É aí que é possível dizer que muitas vezes os artistas enxergam mais longe e correto que os cientistas. Aquelas imagens de golpes de estado que pareciam revolutas e destinadas a viver nas memórias proporcionadas pelo cinema de um Ken Loach, de um Gavras ou de um Pontecorvo, por exemplo, permanecem atuais, inevitavelmente! Mas pensando bem, a construção do cientista social não deixa de ser curiosa! A experiência histórica das mais diversas conjunturas demonstra como as crises podem se transformar rapidamente num amálgama inextricável no qual se torna impossível saber se sua natureza é exclusivamente política ou econômica ou cultural ou institucional! No final do ano passado e início deste uma onda de violência varreu as principais cidades da Europa ocidental, tendo se iniciado nos subúrbios parisienses numa prática que vem se repetindo a cada réveillon. Logo em seguida pudemos assistir ao desenrolar da tragédia palestina e depois à crise iraniana. Há menos de um mês um golpe de estado promovido pelos militares hondurenhos, foi dado nas barbas da Casa Branca e após uma estrondosa vitória dos democratas com a eleição de Obama. Afora algumas declarações e bravatas dos presidentes eleitos pelas esquerdas, pelos liberais e mesmo pelos de centro-direita, nada de efetivo foi feito no sentido de se fazer respeitar a constituição do país e as eleições que colocaram o Presidente Zayala como legítimo representante do povo hondurenho. As especulações sobre a espontaneidade do golpe parecem não ter substância e outras visões pretendem que Obama reina, mas não governa. Não seria o seu governo também um governo de “disputa”? Ou seria seu governo uma espécie de “gambiarra” como algumas pensaram ser também o Governo de Lula?

Pensando nessas questões é que organizamos o número 12 da Revista **O Olho da História**, *Mundo urgente: sob o signo das crises*, como uma tribuna para discussões sobre a atual crise mundial e seus efeitos. Sem dúvida, eles não serão pequenos. Como bem afirmou José Saramago, “ainda não estamos sentindo os efeitos da crise, que poderá se agravar”. Não se trata aí de uma visão pessimista de alguém que não acredita mais no homem, não! Essa crise segundo Saramago provocou uma espécie de “cegueira branca” nas

peessoas. Mas se fecharmos os olhos para a crise, se não assumirmos sua existência, se não tentarmos compreendê-la (do mesmo modo que às gripes e pandemias que assolam nosso planeta), se não tomarmos outra atitude diante da vida (diferente daquela do oportunismo, do fetichismo consumista e do salve-se quem puder), provavelmente a “cegueira branca” será a última de nossas escolhas.